

Reminiscências...

Na Velha Ceará Mirim

Escreveu Ramiro Torres Palhano, especial para
TAPEJARA — — — — —

No giro de nossa vida, a sombra dos anos faz lembrar fatos e coisas da adolescência, já distante. Na velha cidade onde nasci, às margens do Rio Ceará Mirim, no Rio Grande do Norte, ainda me vêm à lembrança fatos e coisas já tão distantes, coisas que não voltarão, porque a poeira do tempo levou uns para o túmulo e outros, pela mão do destino, a outras plagas. Lembro-me bem dos meus sonhos de adolescente, os quais, com o poder de Deus e força de vontade, consegui transformá-los em realidade. Vejo ainda na tela da minha imaginação o que era a vida de minha cidade, sua vetusta igreja, seu mercado, suas feiras, seus engenhos de açúcar, seus tipos singulares e sua vida política. As festas de N. Senhora da Conceição, padroeira da cidade, era o que havia em beleza, devoção e fé. As novenas de Maio, as missas de domingo, o catecismo do Padre Pedro, o badalar dos sinos à hora do angelus, fazem-me lembrar o que foram aqueles anos já passados. O pátio lateral da igreja ficava cheio de barraquinhas enfeitadas, tudo bonito, verdadeiras ruas entre as mesmas, cheias de doces, tapiocas, beijús, cocadas, doces de tabuleiro, doces de vintém, carrocinhas de caldo de cana e tudo mais em que a cozinha nordestina é rica, e, por fim, os leilões, oh os leilões daquele tempo... Assisti uma vez, num duelo de lances (o que era comum) uma garrafa de cer-

veja ser arrematada por quinhentos réis, o que constituía verdadeira fortuna, pois ainda se comprava muita coisa por um vintém. Havia na cidade muitos Coroneis, isto é, pessoas em geral ricas e de grande influência política na cidade, no município e mesmo no Estado. E, ficava de tal forma ligado à personalidade da pessoa, que, do próprio punho, figurava nas assinaturas normais de documentos, como complemento do nome de batismo.

Os nomes dos meses também sofriam certa alteração, pois junho e julho eram chamados, para todos os efeitos, "São João" e "Santana" e, ainda não há muito tempo, era costume enfeitarem-se as frentes das casas com lanternas iluminadas, o que dava uma bizarra impressão oriental, enquanto os moradores, sentados nas calçadas (hábito muito comum até hoje nas cidades do nordeste) assistiam à queima das fogueiras e dos fogos de artifício, desde a humilde estrelinha e os fósforos de côres, até os grandes rojões e a solta de balões multicôres, levando ao céu estrelado e quente as mensagens dos homens de boa vontade, aos santos queridos, lá bem longe nas alturas.

Havia, também, nessas épocas, dansas em casas de amigos e os violões e flautas, cavaquinhos e violinos, espalhavam na noite quente os sons de sambas e marchinhas, valsas e fox-trots. Velho tempo...

E o Mercado? Ocupando o Centro da praça do mesmo nome e ladeado de lojas de todos os tipos, enorme casarão com seus grandes portões de ferro e completamente ocupado por negócios de toda espécie, tinha, nos sábados, seu grande dia. Pela madrugada quente, vinham chegando de longe as alimárias conduzindo no lombo, em grandes cestas de cipó (Cassuás), mercadorias as mais diversas para a feira. O estalar dos chicotes e o bater dos chocalhos no pescoço dos animais, era o prólogo de mais um dia de feira. Desde perús, farinhas, frutas e gêneros diversos, montes de cana, urupemas, tabuleiros de alfenins e doces, rendas de bilro, amarrados de carangueijos, peixe fresco e seco, camarões, tudo ia se arrumando em volta do mercado, e a cidade, em outros dias tão calma, enchia-se de gente de toda espécie a apregoar a sua mercadoria em altas vozes. Dia alegre, dia de movimento e vida, na minha pequena cidade. E, já a tardinha, os negócios e lojas alegres com a féria do dia, ia acidade voltando, aos poucos, à vida calma e tranquila, para, daí a sete dias, novamente vibrar. O sábado também era o dia dos aficionados das grandes libações e muitos dos caboclos somente regressavam às suas casas, na madrugada do domingo, quando não iam para a cadeia, em consequência de brigas e alterações. Lembro-me, também, do Seu Gadelha. Tipo original. Motorista do primeiro Ford (de bigode) de um Coronel, e mecânico do mesmo, ele montava e desmontava o carro num fechar de olhos, e como gostava de uma caninha! Vivia mastigando dentes de cravo, para disfarçar. Porém, era dos amantes de bebida em grau moderado e eu nunca soube que desse alguma alteração por embriaguez. Gostava também de bailesinhos de pequenas vilas e, por mais de uma vez, sua experiência me salvou de pequenas encrencas, naturais dos anos de adolescente, pois ele possuía o sexto sentido. Havia também o preto Chico. Todos os sábados e um pedaço do domingo, era o seu dia de porre. Inofensivo, vivia cantando e fazendo versos pela feira, lojas e botequins, e somente na segunda-feira iniciava o trabalho braçal, enquanto aguardava o próximo sábado.

Já o caboclo Zé Gomes era dos perigosos e ninguém facilitava. Diziam mesmo ter cometido vários crimes, era comprador de brigas, e teve o fim esperado, pois encontrou a morte lutando com outro caboclo valente, num duelo em que ambos, com as fraldas da camisa amarradas e cada um com um punhal na mão, morreram abraçados, isto lá para os sertões de Angicos.

(Conclui no próximo número)